## CÓDIGO G2

**ENTREVISTADO –** A gente tá tentando retomar as atividades de encontro, por exemplo a gente faz duas assembleias anuais uma em março e outra em outubro. A de março já comprometeu, que era a assembleia de troca de diretoria. A gente chama todo mundo, todos os grupos e aí a gente faz a eleição da nova diretoria né. Tem o momento de fazer isso não deu pra reunir as pessoas né. Então ficou assim um pouquinho meio e agora né, o que a gente vai fazer. A parte documental também enrolou toda, a gente foi regularizar aquela documentação de atas, aquela coisa burocrática, agora recentemente. Aí programas, o governo lançou vários programas.

**ENTREVISTADOR -** Prorrogou a diretoria?

**ENTREVISTADO –** A gente prorrogou ela por um tempo, mas depois não teve mais o que fazer, porque fecha as contas bancárias, fecha tudo né. Venceu. A diretoria é dois anos. Tem que ir nos bancos, é uma burocracia grande. Temos a associação, temos a cooperativa. Então é duas burocracias, um pouquinho diferentes, caminham paralelas.

**ENTREVISTADOR –** Inicialmente existia só a associação?

**ENTREVISTADO –** Sim só a associação. A gente nasceu em 89 com uma associação e viemos até 2006 como associação. Depois por não atender a legislação né. A associação não tem finalidade econômica, precisou criar a cooperativa, que tem finalidade econômica, mas quando criou foi por obrigação, por necessidade mesmo de uma ferramenta pra comercialização das coisas. E criou assim tipo uma dupla personalidade, psicologicamente falando. As vezes é difícil trabalhar com duas pessoas jurídicas, às vezes é muito bom né, que você tem opções né. A associação tem uma finalidade mais social, mais de buscar projeto, tem essa facilidade enquanto que a cooperativa tem, o foco dela é fazer a venda das coisas. Então atrapalha mais, é bom. O que a gente se equivocou, talvez, foi no momento de criar a cooperativa não ter passado de toda a base de Associados para a cooperativa, fazer a mesma base. Então a base que teve que ir pra cooperativa ela teve que pagar uma cota né, que toda cooperativa tem, mas com os mesmos direitos, os mesmos. Então é como se fosse uma punição, e uma parte ficou sem vir pra cooperativa, e hoje criou uma diferença assim entre cooperado e associado.

**ENTREVISTADOR –** Então tem pessoas que são associadas, mas não são cooperadas?

**ENTREVISTADO –** Todos são associados, mas alguns não são cooperados.

**ENTREVISTADOR –** E alguns benefícios, eles não têm?

**ENTREVISTADO –** Mas é na parte comercial mesmo, tipo assim, quem está na cooperativa, geralmente são aqueles produtores que tem alguma coisa a comercializar, produção, os outros, a maioria assim como marido e mulher, que fazem parte da associação, são duas pessoas né. Mas na cooperativa, não faz sentido ser dois, entregando um tá tranquilo. Então geralmente ou é a esposa

ou o marido, só que tá na cooperativa. Mas tem alguns casos que a pessoa tá só vinculada pela questão social mesmo. Assim, caminhou junto, hoje tá mais velho, não tem produção, daí permanece na associação, participando, contribuindo de alguma maneira, mas não tem produção, tem essa diferença né. E as vezes quando você vai pra assembleia, é todo mundo tá na assembleia, a galera toda. A gente faz as duas paralelas assim. É a mesma diretoria pra associação e cooperativa, pra não ter conflito, né. Mas aí o assunto tá na associação e a pauta, é um trabalho. As vezes a gente tá falando uma coisa que diria aos cooperados, aí todo mundo vota, tá valendo. Desafios né. Mas é bastante rico, porque tem pessoas de toda classe social, de todo nível de entendimento, então você tem que saber falar, pra um que tem entendimento maior né, e tem pessoas muito humildes né. Isso também te obriga a ser mais flexível, mais paciente. Por exemplo nas cooperativas lá do Sul é muito reto, muito prático né, italiano e alemão, são muito reto, aqui não você tem que fazer aquele rodeio, e a tentativa de explicação, demora mais né. Lá não é pá pá, levanta mão acabou a assembleia. Aqui a gente começa as vezes às 8 horas da manhã, 8 horas da noite o pau tá quebrando. E isso quando eu cheguei aqui, teve um dia, a gente ia de um dia pro outro, de sexta para o sábado. Eu fiquei impressionado, no primeiro momento. Porque assim é muito discutido, é um negócio que vai e não vai e não consegue acabar aquela discussão. O pessoal tava se matando e de repente tava se abraçando, daí eu falei, que coisa séria. No primeiro eu fiquei impactado, tavam se matando e agora se abraçando. Mas era assim, conseguiam fazer aquela distinção da discussão com o pessoal.

**ENTREVISTADOR –** Mas vocês consideram isso uma questão cultural? Essa questão de ficar o dia todo discutindo pode ter a ver com a questão cultural?

**ENTREVISTADO –** Um pouco sim, né ela demora de atendimento de chegar num consenso, é bem diferente lá de baixo.

**ENTREVISTADOR –** Porque no caso hoje aqui tem muitos agricultores que vieram de fora, mas tem muitas pessoas locais?

**ENTREVISTADO –** Muito. Acho que foi esse casamento de cultura que também foi positivo nesse sentido de, assim de, o pessoal que veio de lá de baixo, eles trouxeram essa cultura de conseguir reunir e permanecer reunido. E o pessoal daqui tinha muito conhecimento das coisas, da natureza, das práticas né, vivência do, que assustou muito o pessoal lá do sul.

XXXXXXX - Eu sou filha do RECA, no caso. O RECA nasceu em 89, eu sempre falo isso. Nasceu em 89, 9 meses despois eu nasci. O pai e a mãe são sócio. O pai é sócio fundador e aí acho que eles comemoraram e veio eu. Se você for fazer o cálculo, bate os 9 meses. Então eu sou cunhada do ENTREVISTADO. Ele é casado com minha irmã. Minha irmã é engenheira agrônoma e eu sou nutri. E o pai mandou a gente por Sul pra estudar. Só que o combinado era ir e voltar. Aí voltamos só que como eu era da nutrição, na época não tinha nenhum vínculo, porque eu voltei mas fiquei no estado do Acre, Fiquei por lá até que surgiu uma oportunidade de vir, porque precisava de

uma RT. E eu larguei tudo que tinha pra vir pra cá pra dar continuidade. Tanto que hoje eu tô encaminhada pra ser sócia. E aí esses dias eu tava contando pro ENTREVISTADO, eu me recordo que hoje é os nossos filhos, de quando o pai ia pros cantos pra visitar os produtores, as visitas técnicas que a gente faz, o pai fazia, e usava aquelas calcinhas frufru eu entrava no caminhão e ia junto. Eles faziam discussão de tamanho de cova. Vamos supor que lá tinha um pé de cupuaçu que já não tava bom, que tinha que podar ou que tinha que cortar né aquela coisa o senhor vai cortar esse pé e virava as costas. Não eles já iam com a visita com motosserra na mão. Hoje em dia não é tudo uma burocracia. Olha vamos supor que a senhor tá com o cabelo feio ou olha, agora é essa delicadeza toda. Naquela época não, já vinha com a tesoura. A diferença que eu vejo daquela época pra agora, é o não me toque, as discussões que o ENTREVISTADO fala agora tá até tranquilo as discussões. Antigamente era de chegava peito no peito, e depois toma um chazinho, um cafezinho, rindo. E eu acompanhei isso a 30, há 31 anos que eu venho acompanhando essas briga aí.

**ENTREVISTADO –** A gente tem um sistema assim, são 10 grupos, que fazem parte da associação, estão esparramados nas linhas. Geografia né, mais próximo se reune. Cada grupo tem um representante, dois representantes né. Um coordenador e um líder. O coordenador faz o trabalho do grupo para a associação, e o líder faz o trabalho dele pro grupo, mobilização. Então quando, todo mês a gente tem reunião dessa coordenação. Então vem os 10 coordenadores trazem as pautas de lá, todo mês, então as vezes aquele assunto começa lá e vai e vem e não acaba porque quando ele volta, quando ele volta pra base mudou o entendimento, já tem alguma coisa que foi acrescentada e tem que discutir de novo. AH o preço, não então vamo aumentar o preço, não mas chegou a conta da luz agora, então volta atrás.

**ENTREVISTADOR –** Isso é a diretoria com esses 10 representantes?

**ENTREVISTADO –** No Sul, no cooperativismo tradicional assim, a diretoria tem um papel uma incumbência de fazer, ela tomar decisões, ela tá pra isso. Não tem que ficar voltando na base toda hora pra consultar as coisas né. é pra isso né. Aqui não, é sempre consultando, consultando.

**ENTREVISTADOR –** Então vocês se conheceram no sul?

XXXXX - É a gente se conheceu em Santa Maria

**ENTREVISTADO –** Engraçado que quando a minha esposa foi, ela foi pro convento, e eu era ex seminarista né. A gente se conheceu assim né. Eu sou de congregação diocesanos.

**ENTREVISTADOR –** Mas você queria ser padre mesmo?

**ENTREVISTADO –** Eu tava lá na frente, quase pegando a camisa. Daí ela apareceu, rsrsr. Me encaminhou.

XXXXX - Aí depois de uns 5 anos que a minha irmã foi, eu fui. Minha irmã saiu com 15, depois quando eu completei 15 aí eu fui, passei uns 2 anos morando

com eles. Depois, na mesma cidade, mas cada um num canto. Aí eu fiquei mais pro lado, eu estudei numa faculdade franciscana, de padres franciscanos e era mais perto do centro e eles mais pro lado contrário. Então a gente se separou de casa. E daí depois de um tempo ela veio e 2 anos depois eu vim, mas eu vim pra saúde indígena. Aí casei com índio, tive filho, descasei do índio, as flechas começou meio que não deu certo. Aí eu vim pra cá, tive a oportunidade de vir pra cá. Aí hoje eu moro perto dos meus pais. Aqui na região, 4 km daqui.

**ENTREVISTADO –** Eu adoro história assim do pessoal, eu gosto, eu tava ouvindo os mais antigos né, contando as histórias né. Porque o pessoal sabe contar história né.

XXXXXX - O pai tem história, porque ele veio desmatando com as madeireiras numa época e hoje ele já faz o contrário, ele já preserva, ele todo cheio das frescuras, agora ele. E a mãe é já na dela , quando ela faz a produção dela ela entrega aqui no centro

**ENTREVISTADOR –** A minha pesquisa quer mostrar justamente alternativa que foge dos padrões tecnológicos prontos e vocês pelo que a gente escuta. Se encaixam. Sair for dessa agricultura moderna que vai só reproduzir, pra aumentar a escala de produção. A pesquisa é baseada numa teoria holandesa, os criadores são holandeses, e eles fizeram esse processo na Holanda, fazer a coisa de uma forma diferente que buscasse ter uma produção de qualidade tem uma produção não tivesse presa a tecnologia é uma tecnologia que vai agredir então o que que pode ser feito de alternativo para que você consiga melhorar produção mas que não agrida.

**ENTREVISTADO –** Aqui a gente teve assim em um primeiro momento uma obrigação do desmatamento. O pessoal que chegou, ou faz o desmatamento ou então segue pra outra, passa pra outra pessoa. Então teve aquele primeiro avanço de desmatamento e tal e as pessoas consolidando a ocupação do terreno né, território. E depois, o que fazer agora né? Desmatou e aí? Resolveu? Não. Não tinha estrada, não tinha nada, né aquela propaganda que foi feita pelo governo e nossa tudo vai acontecer. Não acontecia nada. Só doenças, só problema, as pessoas não tinham nem para quem vender as coisas que produziam né. O pessoal que veio de lá, quis plantar o que: milho, feijão, era mais caro produzir do que comprar no mercado pronto. Então teve essa primeira frustração. Muitos que ainda conseguiram economizar. Fugiram, voltaram embora né. O vô dela mesmo veio com sei lá com 13 filhos pequenos de Santa Catarina pro meio do mato aqui, aí a família toda adoeceu, malária e aquela. Então lá os que tavam habituados, muito já estabelecido as coisas, hospital, estrada, acesso, chega aqui com filhos pequenos no meio do mato, sem nada, sem recurso. Pra você ter uma ideia pra cê ir pra Rio Branco, quer era mais próximo, era 2 dias, de trator, se tivessem trator, senão eles tinham que caminhando. E aí eles conseguiram, sobrar um troquinho e vazaram pra fora. Ficou a mãe dela só pra traz, Deixou só a mãe perdida pra traz.

XXX - O pai roubou a mãe. Aquele negócio.  A mãe tinha 15 anos.

**ENTREVISTADO –** Então foi assim bem sacrifício mesmo. E aí depois não tinha o que fazer, não tinha outra opção a não ser se reunir, vamos se juntar né. Os que ficaram né. Não tiveram opção de ir embora né. Vamos se reunir né. Achar alguma estratégia juntos né, pra sobrevivência. E aí vai, vem, discussão, tal, fundaram essa associação que tinha como objetivo se apoiar, digamos assim, primeiro era se apoiar, se juntar pra tentar sobreviver. E aí encontraram nos sistemas agroflorestais um primeiro modo de sobrevivência financeira, econômica. E aí de lá para cá a gente vem evoluindo assim no sentido de, descobrindo arranjos, técnicas que não são agressivas né, técnicas sustentáveis. Mas é sempre assim tentando é contrapor um outro modelo que quer se instalar e quer se sobrepor né. E o agricultor, assim ele, as vezes ele compra facilidade, adora facilidade. Ele quer comprar o produto pronto. Ele quer resolver pra amanhã o negócio. É o que a outra opção oferece né, coisas imediatas, mas agressivas, nocivas, veneno, química, tudo o que não é bom, mas resolve, tem a resposta rápida, que é o que ele busca né. Então a gente sempre tenta oferecer outra alternativa, a gente que desenvolveu, por exemplo, o composto, dos resíduos que eram um problema pra gente, era lixo. Lixo, mas era uma matéria prima riquíssima né. Agora em compostagem, um produto riquíssimo né. E aí a gente tem a produção de biofertilizantes que também é qualquer propriedade tem os ingredientes pra fazê-lo. É altamente sustentável e barato, fácil, todo mundo acessa empodera o agricultor que aquilo que o outro não oferece, empoderamento, você tem que comprar e pagar caríssimo. Existe o domínio, o agricultor precisa se intimidar. Aquele sistema que vem se perpetuando né, capitals e tal. A gente tem essas opções pra oferecer para o agricultor. A gente se planejou pra até 2024 a gente ter uma base orgânica né, o certificado orgânico é maior. A gente colocou 100%, mas é difícil, mas é uma meta. Então você trazer esse pessoal, pra essa produção sustentável. Os arranjos que a gente tem de produção são muito eficientes, a gente tem comparativo assim com a pecuária, 10 vezes mais eficiente, to falando só econômico né. A gente nem computa muito a questão social, vem junto né, ambiental então nem se fala. Mas economicamente são 10 vezes mais eficientes que a pecuária que se faz aqui, Mas ainda há uma resistência. As pessoas até questionam assim, ah se é tão bom assim, se é dez vezes mais porque que todo mundo não tá fazendo, todo mundo quer fazer pecuária. Tem outras questões, a participação, é a longo prazo, não é assim rápido, não é imediato. A pecuária assim, ano que vem você tá dentro. A pecuária você tem um resultado rápido, né. O animal você poe a comida, é rápido, enquanto que no sistema não, Você planta, você tem que esperar 5 anos pra começar ter resultado, então tem uma, um tempo diferente né. As pessoas não querem esse tempo pro futuro muito, quer pra ontem. Então as opções são: soja que você planta em 3 meses tem colheita, pecuária que todo mês você pode vender um animal né. eu diria que a gente não precisava é dividir as coisas né. podia agregar as coisas, a pecuária por exemplo eu vejo assim a gente se atrasou um pouco, no sentido de não ter abraçado ela, porque ela tá junto com a gente, sempre esteve, é nossa maior área produtiva dentro dos associados é a pecuária. A gente tem mais de 4 mil hectares de pecuária dos associados.

Mas assim a gente tentou não ve-la, não enxergar e ela foi acontecendo do jeito que tomo mundo faz né.

**ENTREVISTADOR -** Desculpa interromper, mas como você veio do Sul, essa pecuária começou a se desenvolver a partir dachegada dessa visão nova, porque as vezes quem tá também se fecha né. Ou ela já tava vindo devagar?

**ENTREVISTADO –** Pecuária sempre foi o segundo momento econômico aqui né de renda. É o que tá mais fácil de fazer. Então sempre teve, depois da madeira, as áreas abertas pra os associados. Só que ela não é pecuária insustentável, muito menos produtiva, né. Ela é bastante de impacto ambiental e coprodutivo, é isso que assim me causa assim dor maior, porque lá no Sul a gente já consegue praticar uma super produtiva. Pequenas áreas você tem uma alta rentabilidade, você não precisa terra, você precisa de alimento para os animais. Aqui é imensidões, assim de uma maneira até sem razão nenhuma, né. A pessoa vai lá entope a fonte de água, tenta esconde-la parece um problema ter água na propriedade, pra alguns produtores, eles vão lá e entope. Tem uma arvorezinha ele vai lá e derruba.

**ENTREVISTADOR –** Vocês já tem algum associado, cooperado que faz essa pecuária mais produtiva?

**ENTREVISTADO –** A gente tá numa tentativa agora de integração. Nós temos bastante área de sistemas agroflorestais, não foram planejados para isso, mas podem ser adaptados para isso né, pra ter uma outra economia, pra integrar as coisas né. Ou seja, no mesmo espaço, pode ser no mesmo espaço ou não né. Pode acontecer várias maneiras, mas a gente quer incorporar práticas mais sustentáveis para pecuária, utilizando aquele conhecimento que temos de arranjos agroflorestais, que faz todo sentido. A gente podia tá inclusive muito na frente se a gente tivesse já há mais tempo abraçado essa causa da pecuária. As pessoas faziam muito a separação, o que não é agrofloresta é contra a floresta, a pecuária é contra a floresta então, mas não a gente podia ter incoporado e ter inclusive ter ajudado a preservar a floresta. Você põe a tecnologia lá a pessoa não precisa derrubar a floresta. Nós temos caso de produtores que por necessidade, eu entendo a visão, faz sentido né. E ele precisava de um espaço pra criar 7 animais, um exemplo bem concreto né, e ele foi lá e derrubou 7 hectares de floresta nativa pra uma tentativa de 7 animais a mais, porque na cabeça dele ele ia resolver o problema do ano dele, né. Ele conseguia fazer o giro do ano, 7 animais, aí ele fez um problemaço lá, porque ele tomou uma multa, ele participava do programa do carbono, perdeu, prejudicou os outros, tomou a multa e não tem os 7 animais. Então não foi assim um negócio que não teve lógica nenhuma, foi tudo errado, então se a gente tivesse mais avançado nessa questão a gente podia ter oferecido outras alternativas a ele né, e existem inúmeras. A ciência nesse campo avançou muito, o próprio, só o manejo que você fizer já resolvia o problema dele, só o manejo, não precisava nem fazer nada, só o manejar direito, então esse tipo de prática a gente não incorporou pra pecuária, a gente faz uns sistemas florestais

mas a pecuária não fazia parte. E faz parte, tá com o mesmo agricultor, ta na mesma propriedade.

**ENTREVISTADOR –** Vocês enquanto diretoria tão trazendo isso, teve algum órgão que tá trazendo esse conhecimento? Como esse conhecimento tá chegando pra fazer essa novidade?

**ENTREVISTADO –** Eu tenho buscado muito, aqui no setor técnico, apesar de eu ser filósofo, também precisa de gente da área. Mas eu me interesso muito por essa área né,tudo que é sustentável, tudo que é positivo no sentido de preservação da floresta e até uma alternativa que a gente tem que perseguir muito, e aí gente foi costurando com as instituições, outras instituições, como EMBRAPA, com órgãos parceiros, né com ONGs então a gente tá criando uma cadeia de relações pra apoiar essa, esse movimento que a gente tá fazendo né. Academia, pesquisa, a gente aprovou agora um projeto com a UFAC, universidade do ACRE, que junto com o ministério da agricultura lançou um edital pra residências né. Então a gente vai trazer 4 residentes para cá esse ano que vem, tentando fazer esse apoio né, das áreas afim né. Da agronomia, da veterinária pra que a gente passe, mas não passe de qualquer jeito, passe conhecimento, tecnologia aplicando as coisas do jeito certo. Porque o que pode acontecer também da gente querer fazer a transição e ir muito pra esquerda, e acabar. Porque assim como eu falei a pecuária é muito, ela é rentável se bem feita e ela é muito, essa coisa rápida, tem uma palavra que se aplica, vende rápido, tem um nome pra isso, na economia eles falam uma palavra. Enfim vocês entenderam o que eu quis dizer. É muito rápido, você vendeu já recebeu a vista, não tem tempo. Então pode ser que as pessoas comecem a gostar muito da pecuária, porque tá tando muito mais resultado e acabe, precisa fazer isso meio que, mostrando isso aqui já está consolidado, vamos somar. Então precisa fazer isso com bastante segurança e apoiados pela pesquisa pelo que tá com uma tecnologia mais avançada né. Agora a gente tá com um piloto aqui na propriedade, que é junto com o fundo Vale, Vale do Rio Doce, tentando uma, um investimento de impacto, que é o fundo apoia o concurso né, mas não é mais aquele sistema assim via ONG sabe que o recurso fica muito em viagem, coisa não acaba não chegando lá no final, eles querem o resultado do impacto, é um negócio, então um investimento que é feito em uma propriedade, num produtor com uma expectativa de um retorno alto né, no mínimo 15% de retorno e com arranjos sustentáveis, numa tentativa de regularizar a propriedade no sentido ambiental e no sentido econômico também. Então você vai pegar uma propriedade que tá baixo, com baixa produção. Você vai aplicar tecnologias e vai colocar em um patamar diferente. Eu tô muito nessa expectativa de ver essas coisas acontecer, porque aí uma acontecendo, já é, fantástico, porque todo mundo gosta de copiar né. Eu vejo que vai ser uma mudança assim radical na base dos produtores, eles vão olhar, “Ah isso aqui eu consigo fazer também”, “isso é fácil de fazer”. Porque a gente tá falando e ele não tá vendo, não associa as coisas. “Ah mais isso aí eu faço lá em casa também”, isso é fácil, “eu consigo faze lá na minha propriedade”. Acho que vai ser bem importante, porque uma coisa que nós temos observado, apesar de 30 anos e um trabalho diferente, pelo momento que a gente tá vivendo agora, que

mudou muitas coisas, muitos agricultores meio que perderam o seu horizonte do sustentável, então eles tão assim fazendo, “eu vou ficar pra traz”, “não né”, “Vou acompanhar o que todo mundo tá fazendo”, “todo mundo tá fazendo o quê?”, o desmatamento, aplicando pecuária, mais pecuária, o cara vende um caminhãozinho de boi, e ele pega 100 mil reais. Tá doido, enquanto que eu num arranjo vou demorar 5 anos pra começar a ter produção. Ele começa a fazer conta. Então a gente não quer perder o momento de avançar, mas avançar no tempo certo, não desativado. Depois que ele pegou o gostinho, ele não volta não.

**ENTREVISTADOR –** Aqui dentro você disse que tem vários segmentos. Você disse que tem alguns grupos que se deixam levar mais pelo momento? Existe algum grupo mais consciente? Que independente da questão no curso econômico-financeiro eles precisam seguir uma linha, que vai se algo mais a longo prazo, mas que ele vai estar cuidando do ambiente?

**ENTREVISTADO –** Tem, até o que a gente vai visitar depois. Inclusive tem um grupo, é mais uma família né. Mas todo mundo do Sul, alemão, então eles formaram uma comunidade mais organizadinha assim né, e eles sempre mantiveram mais assim um espírito. Mas lá também a gente vai observar, que também houve mudanças né. Então no grupo mais organizado, um grupo mais sério, você começa a observar lá tá acontecendo mudança, então significa que nos outros que são menos vai ser mais rápido né. Então a gente precisa atacar logo essas questões, porque num grupo mais, já tem sinais de, precisa pensar sobre isso. Mas a gente vai observar lá que eles mantem assim muito mais aquilo que é nosso trabalho, nossa ideologia, nossa filosofia de trabalho. Lá vocês observam mais que eles avançaram mais, tão mais organizados né. Lá eles fazem mais, porque são uma família né, é mais fácil de trabalhar, eles conseguiram um espírito mais coeso, enquanto que em outros grupos tem muita divisão, é uma briga constante, então avançou menos, em alguns grupos né. Mas é por essa questão cultural eu acredito muito nisso. Tem um grupo aqui que tá mais aqui pro lado do Amazonas, desde a fundação ele vivem em constante, não avança, só tem problemas pra oferecer. Não tem nada que. Então ele tá sempre precisando de apoio, sempre precisando de alguma coisa. Eles não se fortalecem.

**ENTREVISTADOR –** As origens dele, eles também são de fora, ou é mais pessoas daqui?

**ENTREVISTADO –** Eles são de várias regiões. Mas bastante gente daqui mesmo. E eles tem a melhor terra. E esse outro grupo tem a pior terra, solo, falando de solo, de condição física do solo. Só que é o grupo mais produtivo e o outro é o menos produtivo, não tem produção nenhuma na verdade, melhor solo, pra você ter uma ideia de como faz diferença a questão cultural né. E eles partiram muito mais pra lado da pecuária, então eles se distanciaram um pouco mais do nosso trabalho.

**ENTREVISTADOR –** Em relação aos grupos, falando de conhecimento, não só de estudo, mas do próprio solo, conhecimento tácito, experiencia ou até mesmo de estudo. Você acha que isso tem uma influência nos dois grupos?

**ENTREVISTADO –** Tem sim. Esse grupo aqui mandou os filhos pra estudarem, colocou os jovens na escola, a maioria dos filhos deles são técnicos em agropecuária, o pessoal daqui não se importou muito com isso também. Eles já tinham uma experiência de assim vem com a cultura. O pessoal que é dessas cultura italiana, alemão, eles já tem uma bagagem muito grande de técnicas, de construção, uso de ferramentas, muito maior que a maioria. Então eles já chegaram um pouquinho mais empoderados eu diria. Então eles já tiveram, quando pegaram os mesmos recursos né pra aplicar, eles conseguiram fazer muito mais enquanto que aqueles não conseguiam fazer nem o que era pra fazer. O mesmo recurso, todo mundo teve o mesmo acesso, o mesmo capital, que era no início era dinheiro pra aplicar. Então o pessoal daqui fez o dobro com o mesmo recurso. E lá não conseguiu fazer nem o básico, o que era pra fazer. Então teve essa distância, depois o pessoal investiu nos filhos, os filhos já foram pra escola né. Já tinha esse conhecimento de casa, foram pra escola aprender outras técnicas, outras coisas, voltaram pra propriedade e tão aplicando lá. Isso também já dá outra distância né. O pessoal dali mandou os filhos pra fazer diária nas fazendas, roçar pasto, passar veneno, o pessoal daqui não já tinha uma condição de manter o filho pra escola né, o que aplicou bem o recurso, mandou o filho pra escola, o filho aproveitou, se capacitou, voltou pra propriedade mais entendido dos manejos e aplicou. Quando ele aplica, ele tem mais resultado ele se interessa mais e continua avançando. Os outros lá os filhos foram trabalhar nas fazendas e ficaram nas fazendas, são pião hoje, trabalham de pião, tem uma propriedade grande, que não mantém nem na própria família. Aqui a gente tem propriedades pequenas que tem uma super renda, renda bem maior do que a média. Por exemplo o pai dela que foi um dos primeiros que chegou, ele tem uma propriedade pequena, isso que eu fico mais assim e uma propriedade super produtiva, ele soube aplicar, não precisou terra, ele precisou conhecimento aplicado né, pra ter resultado. Então ele aplicou né, com aquele tempo de esperar e saber o tempo das coisas e não ser precipitado, aguardou. E hoje tem uma propriedade bem organizada, bem sustentável, e com uma renda comparada com grandes fazendas por aí. E ele é sozinho.